



WAGNER COSTA

Aí, Né... e E Depois?

ILUSTRAÇÕES: ROBERTO NEGREIROS

PROJETO DE LEITURA

Maria José Nóbrega
Rosane Pamplona

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*

[]

■

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor-de-cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que vêem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

[]

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

— UM POUCO SOBRE O AUTOR

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

— RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

— COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos lingüísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

— PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

— LEIA MAIS...

- do mesmo autor
- sobre o mesmo assunto
- sobre o mesmo gênero

Aí, Né... e E Depois?

WAGNER COSTA



UM POUCO SOBRE O AUTOR

Nascido em São Paulo, em 1950, Wagner Costa é jornalista e, durante muito tempo, atuou como repórter policial em grandes jornais diários de São Paulo. Atualmente, como escritor, percorre escolas em todo o Brasil, proferindo palestras, conversando com alunos, palavreando com professores. Pela Editora Moderna, publicou *Quando meu pai perdeu o emprego*, *O segredo da amizade*, *Das Dores & Já Passou*, *Eu, pescador de mim*, *Aí, Né... e E Depois?*. É Wagner Costa que diz: "Escrevo porque acredito naquilo que acontece quando a palavra se aninha no coração e na consciência das pessoas. Minha literatura nasce de/para crianças, adolescentes, aborrecentes".

RESENHA

Juliana e Beto querem presentear a bibliotecária contadora de histórias de sua escola com uma história inventada por eles. A dupla começa com o *Era uma vez...* e assim atrai duas criaturinhas do castelo da imaginação: *Aí, Né...* e *E Depois?*. Os dois pequenos seres se põem a assoprar idéias nos ouvidos de Ju e Beto, que, depois de alguns desentendimentos, acabam criando uma linda narrativa sobre o aniversário de uma estrela contadora de histórias. É o presente ideal para homenagear a bibliotecária.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Brincando com as expressões *Aí, né...* e *E depois?*, apoios corriqueiros nas narrações orais, o autor cria uma história dentro da história. Esse jogo de linguagem e as intersecções entre o real e o imaginário incluem o leitor, convidando-o a participar da história e estimulando-o, certamente, a imaginar suas próprias seqüências.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Artes

Temas transversais: Ética

Público-alvo: leitor fluente

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura:

1. Apresente o título do livro para a classe. Colha hipóteses sobre seu significado. Pergunte em que situações se usam as duas expressões.
2. Mostre-lhes a ilustração da capa, criada por Roberto Negreiros, em que se destacam uma menina e um menino que parecem estar às voltas com a criação de uma história. Pergunte a eles quem será a dupla de criaturas que esvoaçam em torno das crianças. Provavelmente, pensarão que se trata de personagens da história que estão inventando, pois parecem inseridos em uma moldura que lembra a dos balões de pensamentos das histórias em quadrinhos.

Durante a leitura:

1. Leiam juntos os dois primeiros capítulos do livro. Observem a diferença entre *Aí, né...* e *E depois?*, usadas como expressões na seqüência lingüística e como nomes próprios. O que as diferencia? Peça que assinalem os momentos da história em que as expressões não aparecem como nomes próprios.

Depois da leitura:

1. Retome a leitura, pedindo que contem, separadamente, as duas histórias: a que o narrador conta e a que as crianças inventam. Observem o que as duas têm em comum.

2. Observem as ilustrações da Estrela Brilhante. O que elas revelam sobre o estado de espírito da personagem? Na ilustração da página 30, a sombra da bibliotecária é a Estrela. Verifique se os alunos perceberam esse detalhe.

3. A explicação que *Aí, Né...* dá sobre a briga dos sapos na lagoa faz referência ao famoso poema de Manuel Bandeira, *Os sapos*, que tanta polêmica causou na Semana da Arte Moderna de 1922. Apresente o poema à classe, explicando que os sapos, ali, referiam-se a adeptos de duas correntes literárias que disputavam no momento: os parnasianos, ou acadêmicos, e os modernistas. (Vide Manuel Bandeira, *Estrela da vida inteira*, José Olympio.)

4. *Aí, né...* e *E depois?* são expressões de apoio, muito usadas quando contamos alguma coisa a alguém. Faça uma experiência: organize a classe em duplas e proponha que um colega conte ao outro um caso (um fato, um episódio interessante ou divertido ou mesmo uma piada). Este deverá anotar as expressões de apoio que o colega mais utiliza, por exemplo: então, aí, e daí, entendeu, etc. Depois, com a classe toda, faça uma lista dessas expressões.

5. Proponha uma brincadeira: um aluno deve contar um caso qualquer à classe. Mas não pode falar nenhuma das expressões de apoio mais utilizadas, como aí, daí, né, então, bem, bom, etc. A lista das "proibidas" deve estar clara para o aluno.

6. Proponha que criem uma história em dupla, começando com o *Era uma vez...*. O conjunto dos textos pode formar um livro, ilustrado por todos, para ser presenteado à bibliotecária ou mesmo a uma professora da escola.

7. A escola não tem biblioteca? Que tal formar uma na classe, com doações de livros? A cada quinzena, um aluno deverá ser o bibliotecário, cuidando dos empréstimos e devoluções.

8. Com ou sem biblioteca na escola, institua o papel de “contador de histórias” da semana ou do mês. Um aluno fica encarregado de ler ou de procurar ouvir histórias que ele preparará para contar aos seus colegas num horário previamente estipulado.

9. Proponha um exercício de imaginação: comece uma história de *Era uma vez* e interrompa logo à primeira imagem suscitada. Por exemplo: era uma vez uma menina que morava à beira de um rio... Interrompa-se e pergunte aos alunos: como vocês imaginariam essa menina? Como ela era? E a casa? E o rio? Compare os resultados. Se preferir, faça o exercício através de desenhos.

10. Organize a classe em grupos e proponha que contem, oralmente, uma história criada na hora. Cada elemento do grupo conta um pedaço da história. Cabe a vocês decidirem se a história terá que ter ou não “pé e cabeça”.

11. Talvez os alunos ainda não conheçam bibliotecárias contadoras de histórias, ou nem mesmo bibliotecárias. Faça um levantamento sobre isso e, se for preciso, explique a tarefa dessas profissionais. Melhor ainda: promova uma visita à biblioteca de sua cidade, estimulando as crianças a frequentá-la.

LEIA MAIS...

1. DO MESMO AUTOR

- *O segredo da amizade* — São Paulo, Editora Moderna
- *Das Dores & Já Passou* — São Paulo, Editora Moderna
- *Quando meu pai perdeu o emprego* — São Paulo, Editora Moderna

2. SOBRE O MESMO GÊNERO

- *Um detetive muito louco* — Nilton Tornero, São Paulo, Editora Moderna
- *O outro lado da história* — Rosana Rios e Eliana Martins, São Paulo, Editora Moderna